

Redação, Administração Tipográfica
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2º andar
LISBOA - PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Oficinas de Impressão e Esteriotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras.
- Não se devolvem os originais. - Dos artigos publicados não são responsáveis os seus autores.

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 2179

DIÁRIO DA MANHÃ

A BATALHA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Director: JOSE S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS ALVIM COSTA
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL
DO TRABALHO
Aderente à Associação Nacional
dos Trabalhadores
Dissidente, fundado e extinto em 1926.
Lisboa, mês de Junho, Província, 3 meses de 1926.
Africa Portuguesa, 9 meses de 1926. Guiné, 3 meses de 1926.

SÁBADO, 9 DE JANEIRO DE 1926

A luta contra a alta finança é de vida ou de morte. Pereira da Rosa ameaça o director de A BATALHA. O órgão dos trabalhadores prosseguirá até ao fim na sua formidável campanha

Prepara-se uma grande manifestação aos ferroviários deportados de Moçambique que devem chegar a Lisboa brevemente

A bordo do «Lourenço Marques» vêm a caminho de Lisboa uma dezena de ferroviários que o Alto Comissário de Moçambique fez deportar daquela província sob a acusação de «meneiros». Das razões que determinaram o iníquo gesto do sr. Azevedo Coutinho falou já a desenvolvida reportagem que fizemos do movimento grevístico dos ferroviários de Lourenço Marques, movimento em que aqueles elementos operários representaram um papel preponderante. Não é demais, contudo, que digamos que a greve ferroviária de Lourenço Marques teve origem no facto da administração dos caminhos de ferro daquela província ter elaborado uma nova organização de serviços que denominou de «Reorganização».

Pela doutrina daquele documento os ferroviários eram esbulhados dos seus direitos, que um exercício de 20 anos conquistou, aos ferroviários eram-lhes cerceadas algumas regalias reivindicadas à custa de bastantes sacrifícios. Para que não vingasse essa «Reorganização», para que fosse revogada essa ordem de serviço os ferroviários, num legítimo direito que lhes assistia, proclamaram a greve, que heroicamente se manteve com indomável coragem. Com a greve vieram alguns actos violentos de que foram inculpados os grevistas, com a greve surgiram bastantes complicações, cujas responsabilidades foram assacadas aos ferroviários. Nada se apurou, nenhum elemento de prova existiu o que não evitou que as autoridades de Lourenço Marques prendessem alguns ferroviários, daqueles que maior carinho emprestaram à greve da sua classe.

Alguns dias decorridos, novos actos violentos e o Alto Comissário de Moçambique, como bom democrata que é, ordenou a deportação para Lisboa dos ferroviários presos a quem acusa de «meneiros» e a quem responsabiliza pelos atentados. Estamos, pois, em frente duma tremenda iniquidade, estamos em face dum novo atentado à Constituição!

NOTAS & COMENTÁRIOS

Um fínior!

De Cidadelhe, que fica próximo da Ponte da Barca, veio até nós, com uma carta extensíssima, que era acompanhada de um postal com a bandeira da pátria e uns recibos de contribuição, o pequeno proprietário Manuel António Afonso. Lemos pacientemente os seus queixumes doloridos por não estar ainda extinta «a rivalidade dos homens entre os homes e os estrangeiros entre os estrangeiros» — quem diabo serão os «estrangeiros»? — e carecer de realidade a «restauração da paz que ponha fim às desordens que degredaram os homes fazendo a economia à vida, ao nosso bem e às alziviras! Porque seria tão pacífico este pequeno proprietário? Por que repugnar os massacres colectivos, os crimes hediondos que são as guerras? Não, o seu pacifismo não é baseado nessas razões mas sim no motivo de as contribuições que ele paga têm aumentado depois da guerra.

Em resumo, o sr. Manuel Afonso que tem um programa político completo pretende que «desapareçam as raias secas e seria um governo constituído em estados independentes separados talvez pelas «raias molhadas» e «uma moeda valorizada em metal corrente, e ainda o desarmamento geral, ficando apenas uma polícia civil para manter a ordem. No final, atirá-nos esta afirmação tranquillizadora que é a chave que decide todas as suas complicações inspirações políticas: «com isto não sufriria nem rico nem pobre visto a transformação ser só de governos».

A pesar dos seus erros de gramática e das suas ingenuidades sobre as raias secas e molhadas, o sr. Afonso revela um grande tacto político. As transformações seriam só de governos — o que era uma explêndida garantia de que ninguém ficaria com a sorte mudada: os ricos ficariam ricos e os pobres exultavam, na sua miséria, pela grande transformação de governos. Embora o pareça, este sr. Afonso não é tolo. É espertíssimo e, sob aquela casca de ignóbil, há talvez um fínior que o sr. António Maria da Silva, se o conhecesse, não deixaria de aproveitar...

Os intérpretes

Os intérpretes oficiais, no pleno uso dum direito conferido pela Constituição, organizaram a sua associação de classe pelo que merecem os nossos francos aplausos. A resolução dos simpáticos rapazes não agradou as Sociedades de Excursões que

Ontem, à tarde, o sr. Pereira da Rosa, administrador delegado do *Século*, acompanhado dos srs. Adeilino Mendes e Amzalak, procurou o director de *A Batalha*. Foram recebidos, como toda a gente o é nesta casa, com a maior correção.

O sr. Pereira da Rosa, depois de declarar a sua identidade, afirmou que se sentia atingido na sua honra pelo nosso artigo de ontem e que desejava saber quem era o seu autor.

O director de *A Batalha* ripostou-lhe que era o responsável pela matéria contida no jornal que dirigia e que, portanto, se escusava de declarar o nome do seu autor, que para o caso não interessava.

Então, o administrador delegado do *Século* chamou a atenção do nosso director para o seguinte período do artigo de *A Batalha* de ontem, que reproduzimos para melhor elucidação dos leitores:

Impotente para bater-se connosco, frente a frente, numa luta leal, O Século, que finge que não nos lê quando o desmascaramos, serve-se da arma vil e repugnante da intriga. E' a arma das mulheres fracas e das pederastas ignóbeis. E' a arma própria dum jornal que é orientado pelo Pereira da Rosa, o concubino de Silva Graça.

Dizendo-se ofendido com este período, o sr. Pereira da Rosa proferiu ameaças, o que levou o nosso director a perguntar-lhe ironicamente se já trazia consigo a pistola. Que não, que não trazia a pistola... Então o nosso director propôs-lhe resolver imediatamente o caso à bofetada, em campo neutro, na rua. Que não, que também não queria, que se, caso se não retratasse reservava o direito de no prazo de 48 horas, desfechar seis balas na cabeça do nosso director.

Não querendo abusar de sua casa o ameaçado deixou-o sair com a ameaça no bolso. Esta, prevenido, homem, prevenido vale por dois. Deixemos decorrer serenamente as horas do prazo... E *A Batalha* que nunca se retrata cobardemente das suas afirmações muito menos o fará quando sobre o seu director uma ameaça impõe.

A atitude da redacção de A BATALHA

A propósito deste incidente o director de *A Batalha* recebeu a carta que a seguir reproduzemos:

Ao camarada Santos Arranha, director de *A Batalha*:

Presado camarada: Os que abaixo assinam, redactores de *A Batalha*, com cuja orientação na campanha contra as imoralidades da alta finança e seus acólitos, estão absolutamente de acordo, vêm por este meio dar-te todo o apoio moral e material, afirmando-se tão responsáveis como tu pelas afirmações produzidas. Assim, perante a ameaça que Pereira da Rosa te fez de desfachear-te, caso não se retratasses no prazo de 48 horas, seis balas na cabeça, entendem que outras tantas balas devem ser desfechadas na cabeça dos signatários desta. Somos solidários contigo nas alegrias da vitória e nos azares da luta.

Permites-nos, entretanto, que te digamos que sendo solidários nas afirmações da *Batalha*, distribuindo por todos nós igual cota parte de responsabilidade, o sr. Pereira da Rosa terá de socorrer-se de uma metralhadora leve para cumprir a sua grande e horrível ameaça.

Mas esperemos serenamente o desfecho trágico, digno de figurar nos antigos drameiros do Príncipe Real. Desde o dilúvio, crê, que a humanidade não teria assistido a uma catástrofe de tantas proporções...

Conta, a-pesar de tudo, para a farça e para o drama, com os teus amigos e camaradas de redacção que te saudam efusivamente. — Mário Domingues, Cristiano Lima, Alfredo Marques, David de Carvalho, José Horta.

Registado o incidente, vamos ao principal

O sr. Pereira da Rosa, neste caso, é para nós apenas o representante do órgão que defende as torpes imoralidades da alta finança. Santos Arranha é o director de *A Batalha*, que em nome não só do proletariado, como de toda a gente de bem deste país, ataca essas imoralidades. Não fôssem estas razões nem sequer *A Batalha* se referiria ao incidente de ontem.

Cumpriu, pois, o seu dever de desmascarar todos os ladrões e falsários, *A Batalha*, sem uma hesitação, sem um minuto de tibieza, prosseguiu na sua campanha. Deixemos, portanto, decorrer as quarenta e oito horas e vamos ao que importa — que é a salvaguarda dos interesses do país, que está acima de tudo, acima das quixotescas attitudes do sr. Pereira da Rosa e dos conflitos que têm com o director de *A Batalha*.

Por muito que estas afirmações dojam ao *Século*, órgão dos falsários da rua dos Capelistas, o que não há dúvida nenhuma é que o Banco de Portugal é uma caverna de ladrões. E sento vejamos.

Dissemos há dias que no aludido estabelecimento existia um desfalque de 44.000 contos. Esse desfalque foi praticado pelo tesoureiro sr. Lupi a favor de várias casas bancárias da praça de Lisboa.

E para precisarmos melhor os factos, damos a seguir a nota das casas que se aprovavam dêsse desfalque:

José Agusto Dias tem em seu poder 19.000 contos; a casa Piano, que está numa situação perigante, 14.000 contos; Augustine, 6.000 contos; o Banco Português e Brasileiro, um dos que ainda deve ao Estado alguns milhares de libras que Rego Chaves lhe deu de mão beijada, 5.000 contos.

O tesoureiro do Banco de Portugal tem sido muito obsequiado pelas casas devedoras. Pudera...

Como se deu o desfalque

Como e porque se fazia o desfalque? Por intermédio dum conta chamada Câmara de Compensação. E porque o tesoureiro manobrava os pausinhos... A Câmara de Compensação era destinada a facilitar a liquidação dos débitos das casas bancárias de Lisboa ao Banco de Portugal. Esses débitos deviam ser liquidados em dinheiro. Porém, por amável condescendência do sr. tesoureiro, as casas bancárias devedoras em vez de pagar em dinheiro pagavam... em cheques. Assim, o Banco de Portugal em lugar de dinheiro via entrar na sua Caixa papéis sem valor. Mas o sr. Lupi, o tesoureiro, sempre generoso, trocava por notas que o Banco de Portugal fabrica os cheques sem valor com que lhe eram pagas as dívidas. O dinheiro girava depois, pela necessidades das transações, para fora do Banco, mas ficava com os cheques — e o resultado era o Banco ir sendo defraudado, pouco a pouco, à medida que o sr. Lupi ia aceitando os cheques como se fossem dinheiro. Chegou a pontos do Banco possuir 150.000 contos em cheques e ter 150.000 contos em notas, que eram de circulação fiduciária não autorizada legalmente, 150.000 contos de notas falsas.

O sr. Soares Branco, secretário geral do Banco de Portugal (boa pessoa cuja crónica será conhecida) ao ter conhecimento do caso deu por paus e por pedras, mas não o denunciou à polícia. Se o escândalo se tornasse público e as casas bancárias devedoras fôssem, como deviam, forçadas a entrar imediatamente com o dinheiro correspondente aos cheques que entregaram — uma grande parte da finança portuguesa cairia como um castelo de cartas.

Pouco a pouco, à miúda custo, foram as casas devedoras repondo o que haviam roubado, pelo processo engenhoso dos cheques. Uma das que já entrou com o seu débito foi a casa Fonseca, Santos & Viana. Agora o desfalque está em 41.000 contos, distribuídos pelas casas acima mencionadas.

Não sabemos se estes factos contribuem para reforçar o bom conceito em que o sr. Lupi, o tesoureiro, sempre generoso, trocava por notas que o Banco de Portugal fabrica os cheques sem valor com que lhe eram pagas as dívidas. O dinheiro girava depois, pela necessidades das transações, para fora do Banco, mas ficava com os cheques — e o resultado era o Banco ir sendo defraudado, pouco a pouco, à medida que o sr. Lupi ia aceitando os cheques como se fossem dinheiro. Chegou a pontos do Banco possuir 150.000 contos em cheques e ter 150.000 contos de notas falsas.

O sr. Soares Branco, secretário geral do Banco de Portugal (boa pessoa cuja crónica será conhecida) ao ter conhecimento do caso deu por paus e por pedras, mas não o denunciou à polícia. Se o escândalo se tornasse público e as casas bancárias devedoras fôssem, como deviam, forçadas a entrar imediatamente com o dinheiro correspondente aos cheques que entregaram — uma grande parte da finança portuguesa cairia como um castelo de cartas.

Não sabemos se estes factos contribuem para reforçar o bom conceito em que o sr. Lupi, o tesoureiro, sempre generoso, trocava por notas que o Banco de Portugal fabrica os cheques sem valor com que lhe eram pagas as dívidas. O dinheiro girava depois, pela necessidades das transações, para fora do Banco, mas ficava com os cheques — e o resultado era o Banco ir sendo defraudado, pouco a pouco, à medida que o sr. Lupi ia aceitando os cheques como se fossem dinheiro. Chegou a pontos do Banco possuir 150.000 contos em cheques e ter 150.000 contos de notas falsas.

As investigações vão prosseguir — o mesmo é dizer-se que vão entrar no descarado período, da iniquidade, fazem-se meia dúzia de prisões dos que podem falar e dos que não servir de cabeça de turco. Mas nos inocentes do Banco de Portugal não se toca.

Agarrase-se no juiz Pinto de Magalhães que diz a verdade — e arrengessa-se para um maníaco, alegando que é doido, porque procede com lisura.

Se, porém, essas prisões não bastarem para abafar o escândalo — e não bastam! — recorre-se a outro meio, que está já em preparação: a *pavorosa*. António Maria da Silva não dorme...

A verdade é tão forte, fulgura tanto, que os atingidos, escassos de argumentos, desacreditados pela opinião pública, recorrem ao argumento máximo: a violência. Mas os seus crimes são tão grandes, as suas culpas tão pesadas, que, ao desabarem, deixarão os criminosos esmagados sob o seu peso incensurável.

A *pavorosa* de António Maria da Silva está em marcha. Já há movimento de tropas da província a caminho de Lisboa para salvaguardar o crédito do Banco. Os criminosos não terão a lei a seu lado, mas têm a força. O seu triunfo é fácil, mas deve ser efímero.

A causa da Verdade ganhará tanto mais quanto maior for o crime dos falsários e dos que pretendem encobri-lo.

E' que a Verdade, quando a abafam violentamente, ressurge depois mais nítida e fulgurante.

U na comovedora carta dum deportado que desmente completamente o paraíso da Guiné, cantado pelo órgão das 'fôrças-vivas'

O *Século*, o odioso pasquim das «fôrças vivas», sempre que se lhe depara ensejo vomita sobre os elementos operários uma multidão de aleivos só para que nos seus leitores se radique a impressão de que aqueles elementos são bastante perigosos e que urge acutelar a sociedade do seu convívio. Especialmente depois do atentado ao comandante da polícia, particularmente depois do aparecimento da já hoje lendária «Legião Vermelha», a atitude do *Século* para com os operários que a polícia conserva sob custódia tem sido simplesmente infame, tem sido apenas uma atitude grosseira e imprópria dum jornal que se ufana de ser o primeiro de informação. Com os indivíduos presos sob a acusação de «legionários» a atitude do órgão das «fôrças vivas» tem por vezes sido uma atitude odiosa, que se adivinha na sua prosa irriante, que se percebe nas entrelinhas dos seus escritos.

Depois que o governo Vitorino Guimaraes enviou para a Guiné aquelas dezenas de deportados, o *Século* depois de desfazer esta coisa que toda a gente sabe: que o clima da Guiné é mortífero, procura convencer os seus leitores de que os indivíduos deportados pelo odioso Vitorino Godinho gosam no destino uma situação que causa inveja aos operários que por cá ficaram. A confiar na insossa prosa do pasquim da antiga Rua Formosa, os deportados são os homens mais felizes do mundo, as vítimas de um atropelo à constituição estão hoje numa situação tão agradável que maldizem o passado.

Não se vale comigo. Eu irei arrastando como puder esta existência que bem triste é. Para alimentação temos apenas 10\$000 por dia, verba insuficiente para comer e com que tenho que me conformar. O que vale é que eu sou ajudado por esta gente daqui, que me tem auxiliado, que me tem valido nas horas de incerteza.

E' esta a situação do seu pobre filho que nesta hora agoniza em Bissau.

Que dizes a isto leitor? José Vargas Júnior vive das esmolas de alguns bons co-razões de Bissau, vive do auxílio que essa boia gente lhe facilita. Os 10 escudos que lhe são entregues mal chegam para as mais urgentes necessidades. A miséria que lhe dão é um escarro lançado à face dos deportados. E' dessa situação, é desse «paraíso» que o *Século* canta as virtudes com uma insensatez que envergonha, com um impudor que arrepiá!

Este *Século* com as suas mentirosas informações só se tem colocado num terreno vergonhoso em que não enveredaria o mais repelente órgão da polícia.

O proletariado compreendeu que *A Batalha*, dispondo-se a desmascarar os bandos da alta finança aliados aos charlatões da política, encetou uma luta de vida ou de morte. A finança é base em que assenta o iníquo sistema capitalista que opprime a grande massa trabalhadora. Atacar a alta finança é ferir o Estado em pleno peito. Outra prova que não houvesse, bastaria o espetáculo da aliança dos políticos, desde os monárquicos aos esquerdistas que têm assento no parlamento, na defesa dos círculos do Banco de Portugal (que representa o crédito do Estado burguês) para se compreender quão certeiras e profundas têm sido as frechas despedidas pelo órgão do proletariado que, neste momento mais do que nunca, consubstancia a opinião honesta do país.

O proletariado compreendeu bem o arrejado da *Batalha*. Ela entrou no reduto capitalista — o Banco de Portugal — e é lá dentro que está lutando, estabelecendo

TEATRO S. LUIZ
Apenas hoje e amanhã — grandioso e atraçoso espetáculo
No célebre e encantador opere em dois actos
A Montaria
e a Linda opereta num acto
A Canção do Olvido
Criações de Almeida Cruz e Maria Pires Marinho — Belo conjunto
A seguir:
A MOÇA DE CAMPANILLAS

TEATRO APOLÓ
Telef. N. 4129
HOJE HOJE
O DRAMA
Ruidoso
Emílio Soáza
Colossal criação
do admirável actor-empresário
TABERNA
Exitó
Alves da Cunha
ESPLÉNDIDO CONJUNTO

TEATRO MARIA VITÓRIA
Telefone N. 3644
2 SESSÕES 2 A's 8,30 e 10,30
ENCHENTES TODAS AS NOITES
A TRIUNFANTE REVISTA

FOOT-BALL

Quadros, scenas, números rábulas e comentários de irresistível graça
OS DOIS GRANDES EXITOS:
AS ROSAS E O JORCA
O EXITO DO DIA

Dos livros e dos autores**TRES TUMULOS**, por Vergílio Correia

Vergílio Correia é dos arqueólogos mais interessantes com que o nosso país pode contar. Não é de modo algum o rígido investigador que se limita a desentraclar os velhos documentos tudo o que oferece curiosidade e vantagem para estudos já encetados ou ainda por iniciar.

Vergílio Correia é um tempo colorista e dissecador, não se reduz o seu afan a descobrir, vai mais longe adorna e perfuma de boa linguagem o que desencanta, aquilo com que depara. Vergílio Correia pela fluência da sua linguagem, pela elegância dos seus escritos seria um literato se a tal exclusivamente se tivesse dedicado.

Os seus trabalhos longe de nos cansarem, prendem a atenção e pela sua mão segura vamos até onde quer que nós vamos.

Vai sendo já bastante vasta a sua bibliografia e agora mesmo é ela enriquecida por um novo livro, **Tres tumulos**, que, segundo declara, é a primeira tentativa de um estudo sintético da sepultura medieval portuguesa. A sua atenção voltou-se agora para o resto dum caixa tumular existente no Museu de Santarém e que veio do demolido Convento de São Domingos daquela cidade, porventura dum membro da família Casal, pela exibição dum flor de lis que era um símbolo heráldico desta estirpe cujas armas são cinco flores de lis e a que pertenceu Sancha Garcia do Casal, dona de Santa Clara e amiga de São Bartolomeu, que morreu em Santarém em 31 de Novembro de 1384; a sepultura de Fernão Gomes de Gois, em Oliveira do Conde, e o monumento do 1º Marquês de Valença, em Ourém.

Vergílio Correia precede a análise destes documentos tumulares dum curioso e erudioto estudo sobre a iconografia tumular,

ocupando-se dos tumulos portugueses dos séculos XIII a XVI, caracterizando a sua situação, a mortuária, decoração, e tudo o mais que pode servir de elemento de estudo.

O livro de Vergílio Correia é um manancial abundante de citações e criteriosos de crítica e demonstra-nos a imparcialidade que preside às suas investigações. Todos os trabalhos do estudioso arqueólogo têm um real interesse, mas só nos é dado manifestar predileção devemos eleger este como dos maior importância para o nosso passado arquitetural e escultural. Está por fazer a identificação de muitos tumulos, alguns de elevado valor artístico e histórico. A arte não será só a lucrar com estudos demorados sobre estes assuntos, há determinadas dúvidas históricas que passarão a resolvêr-se. É um estudo que faz, simultaneamente, de personagens cuja acção andebulosa pelos cronistas, de épocas incompletamente tratadas e quem sabe de valores artísticos ainda ignorados nesta confusão em que mergulham muitos períodos da história do nosso país.

Vergílio Correia deve continuar, como promete, esta tarefa a que se impõe e cada livro que fôr publicando marcará mais um passo na sua brillante carreira de arqueólogo e constituirá mais um subsídio para a história do nosso país quer sob o ponto de vista artístico, quer sob o ponto de vista histórico.

Nogueira de BRITO

Os socialistas belgas aprovam os novos impostos, mas o proletariado protesta

Foi aprovado no parlamento o projeto dos novos impostos apresentado pelo governo católico-socialista, de que faz parte Emilia Vandervelde.

Houve conflitos na câmara durante a discussão deste projeto, nos quais se distinguiram os socialistas e os comunistas.

O proletariado de Bruxelas organizou uma manifestação de protesto, convocada pela União dos Sindicatos da cidade, contra a política do governo, gritando: «não nenhuns impostos sobre os salários inferiores a 8.000 francos».

“O CADASTRO”

Recebemos os n.º 2 e 3 desse panfleto do dr. Da Cunha Dias. Sempre curioso na sua forma literária, de um corte muito pessoal, o Cadastro marca pela independência, rara nestes tempos, e pelo desassombro.

O n.º 2 contém colaboração do nosso camarada Mário Domingues.

Se o espaço nos consentir, transcreveremos num dos próximos números de *A Batalha* um dos artigos de O Cadastro.

Um tratado anglo-ruso

LONDRES, 8.—O «Daily News» publica uma entrevista com o encarregado de magazines dos «soviets», que afirmou estar quase concluído com a Inglaterra um tratado semelhante ao russo-turco, que, diz-se, também, não é hostil à Gran-Bretanha, não contendo tão pouco qualquer disposição de carácter militar. —

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor: Preço 1500.

Pedidos à administração de *A Batalha*.
A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arckinof. Preço 1500.

O escândalo do Angola e Metrópole

O Sindicato dos Impressores vai promover uma sessão pública

O Sindicato dos Impressores Tipográficos realiza na próxima quinta-feira, na sua sede, calçada do Combro, 38-A, 2.º, uma sessão de protesto contra a grande burla do Metrópole de que os trabalhadores são as únicas vítimas. Entre outros, fará uso da palavra o nosso camarada de redacção Mário Domingues, devendo todo o proletariado assistir a esta sessão.

Um banquete e uma saudação

Os professores da Faculdade de Medicina de Santiago de Compostela ofereceram dia 3, um banquete de homenagem ao dr. Rodrigue Cadarzo, que veio a Lisboa representar a sua Faculdade de Medicina, que é notável ornamento, na comemoração do 1.º centenário da fundação da Régia Escola de Cirurgia.

No fim do basquete os convivas enviaram ao director da Faculdade de Medicina de Lisboa um afectuoso telegrama.

TIVOLI

A's 8 314

DOLLY DAVIS

em

CLAUDINA

Comédia em seis partes

JACKIE COOGAN

(O Miudinho de Charlot) em

O PEQUENO ROBINSON

Comédia em seis partes

CHARLIE CHAPLIN

(Charlot) em

Dia de Férias

Cine-farça em três partes

AMANHÃ — Matinée, às 3 horas

Suplemento semanal ilustrado de *A Batalha*

Encontra-se já à venda o primeiro ano desse interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalha ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variadíssimos assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00.

Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração de *A Batalha*.

Assinem *Os mistérios do Povo*

MARCO POSTAL

Amoreiras-Gare. — António Portela. — Recebemos 41.00. Pagou a sua assinatura Diário e Suplemento do corrente mês e a "Renovação" do mês de Fevereiro, p. f. "Renovação" paga do corrente mês, de Alvaro Costa Manuel Marques, Diário e "Renovação", paga o corrente mês. António dos Santos, paga a "Renovação" do corrente mês.

Pórtio. — U. Ferroviária. — Recebemos 110.00 para "Os Mistérios do Povo".

AGENDA

CALENDARIO DE JANEIRO

S.	4	11	18	25	HOJE O SOL
T.	5	12	19	26	Aparece às 7,55
Q.	10	17	24	31	Desaparece às 17,32
Q.	14	21	28		FASES DA LUA
S.	15	22	29		L.C. dia 14 às 2,11
S.	2	9	16	23	Q.M. * 7 * 12,11
D.	3	10	17	24	L.N. * 14 * 19,12
					Q.G. * 21 * 21,13

MARES DE HOJE

Praiamar às 10,30 e às 11,05

Baixamar às 3,26 e às 4,00

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	95\$00	
Madrid cheque.	2\$78	
Paris, cheque..	376	
Suíça,	3380	
Bruxelas cheque	889	
New-York,	19560	
Amsterdão	7590	
Itália, cheque ...	379	
Brasil,	2595	
Praga,	558	
Suécia, cheque.	5526	
Austria, cheque	2577	
Berlim,	4568	

ESPECTÁCULOS

TEATROS
Eto Carlos.—A's 21,15—«Os Homens de Hoje». Tiradentes.—A's 21,15—«Clô Clô». Palácio.—A's 21,30—«As Tentações». Lumiar—A's 21,15—«Vida e Dóras». Liró—A's 21,15—«A Taberna». São Luís—A's 21,15—«Montaria» e «Canção do Olvido». Benfim—A's 21,15—«Pão de Ló». Eben—A's 20,45 e 22,45—«Fungá». Ilha do Vitor—A's 20,30 e 22,30—«Foot-Ball». Coliseu—A's 21—Grande companhia de circo. Sátiro—A's 9,45—«O Prolígio». Animatógrafo e Variedades. Cinema (il) Vicente (á Graça)—Especiais ás 3,45. Sábados e domingos com matinées. Irenê Largo—Todas as noites. Concertos e discursos.

CINEMAS

Tivoli—Olimpia—Central—Condes—Chiado Terreiro—Ideal—Arco Bandeira—Promotora—Esperança—Torreiro—Cine Paris.

LIMAS NACIONAIS

Só a grande fábrica de propaganda tem de dar lugar a quem ainda hoje se considera em Portugal. Limas marcas, visto que as limas marca "Tour" e "Lima" das Unidas Toma Feteira, Ltd., realizam em preços e qualidade com as melhores limas do Mundo. Experimentem, pois, as nossas limas que são encontradas à venda em todos os bons estabelecimentos de ferrugemada para

ISQUEIROS
Pedras, Metal, Auer, vendem-se na LATTA, do Conde Barão—Dúzia, \$40; 100, 25\$00.

Largo do Conde Barão, 55
Grande desconto aos revendedores

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO
SÓ COM O LUCRO DE 10% NA

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora... 30\$00
Sapatos em verniz... 58\$00
Botas pretas (grande salão)... 48\$00
Botas brancas (salão)... 28\$00
Grande salão de botas pretas... 68\$00
Botas de couro... 40\$00

Não confundir! SOCIAL OPERARIA com outra casa. Vamos só lá encontrar bom e barato. A Social Operaria e na sua das Cavalcações, 18-20, com Filial na mesma rua, n.º 62.

Ler a revista gráfica RENOVACAO

los, D. Inácio era tão ligeiro como nos amores, antes de um acabar, já outro começava... Repentinamente aparece na janela da casa o homem que eu vira entrar; e que não era mais nem menos que o marido da bela, D. Hércules de Luga; tinha na mão uma espada ensanguentada. Curva-se para a rua e grita: «Amigos, já fiz justiça em minha mulher!... Resta-me fazer justiça no seu cúmplice!... Segurai-o que eu já desço...»

— Infeliz mulher! disse Cristiano. — Aquela morte de que ele era a causa devia amedrontar muito aquele devasso.

— Ele? Ora essa! Ele amedrontado por tão pouco? Já pode julgar pelo que lhe vou dizer... No momento em que sabe da morte da sua bela, recebe a espada da mão de D. Alonso, que mal tinha tirado; D. Inácio espeta a ponta na extremidade da sola da sua bota, e sem pestanejar faz dobrar o ferro a-sim-de se certificar da bôa tempera.

— Ai tem como ele estava amedrontado com a morte da amante...

O marido, D. Hércules, sai de casa, aproxima-se do meu patrão e diz-lhe:

— D. Inácio de Loyola, recebi-te como amigo em minha casa, seduziste minha mulher, és um traidor indigno de toda a cavalaria!

— Ora a isto, cunhado, sabes o que respondeu o capitão Loyola? Se o adivinhardes, quero morrer de sede, ou então nada destes fúnebres pensamentos, quero beber até que as solas dos sapatos me deitem viu...

— Acabai, Josefino, acabai...

— D. Hércules, respondeu atrevidamente o capitão Loyola, seduzindo Carmen, não foi tua mulher quem eu seduzi... foi uma mulher como qualquer outra!... Tu me ultrajas, acusando-me de traidor; e vais pagar caro esse insulto... Defende a tua vida! vou matar-te como se mata um cão!»

O resultado do duelo não podia ser duvidoso, o capitão Loyola passava pelo mais completo espada-

FATOS completos e sobretudos

em bom chavão com bons forros e bom acabamento, para homens desde... para impermeáveis para homem com cinto e capuz:

Em oleado, casaco... duas faces gabardine e oleado para vestir os dois lados, cores, preto e beige, em lã.

Em gabardine: preta de lã, paletó de oficial de marinha.

Imitação de canha e cabedal, modelo para automóvel.

Impermeáveis para senhoras com cinto e capuz...

Em la...

Descontos para revenda

Para a província remetemos catálogos com amostras a quem pedir

170, Rua da Boa Vista, 172

Rua do Amparo, 36

Caminhos de Ferro do Estado

DIRECÇÃO DO SUL E SUESTE

Previdência do Ferroviário do Sul e Sueste

EDITOS DE 30 DIAS

Pela Comissão Administrativa da Previdência do Ferroviário do Sul e Sueste

coméditos de 30 dias, nos termos do artigo 12.º e seus parágrafos dos respectivos estatutos, a contar da última publicação de este anúncio no Diário do Governo, citando todas as pessoas incertas que se julguem com direito ao todo ou a parte de quantia de 8.210\$00 (oitocentos mil duzentos e dez escudos) valor do auxílio, de que trata o artigo 17.º e seu parágrafo finito dos citados estatutos, deixado pelo sócio n.º 1819, João Domingos Salatino, servente das oficinas, falecido em 4 de Novembro último, e a cuja quantia se habilitaram seus pais João Domingos Salatino e Maria de Jesus Salatino, também conhecida por Maria Marques e Maria Marques Regula.

Lisboa é sede da Previdência do Ferroviário do Sul e Sueste, aos 4 de Janeiro de 1926.

Pelo Secretário da Comissão Administrativa, Albano do Couto.

AVISO AO PUBLICO

Venda em leilão de um vagão de sal

Faz-se público que no dia 12 do corrente, pelas 12 horas, e na estação de Serpa-Briches, proceder-se há venda em hasta pública, de harmonia com os regulamentos, de um vagão de sal com o peso de 11.800 quilogramas remessa de P. V. n.º 12835 de Tavira a Santa Vitória e reexpedita para Serpa-Briches sob o número 0.846.

A rematação será feita a quem maior lance oferecer sobre a base de licitação de 1.300\$00—Lisboa, 6 de Janeiro de 1926.

Pelo Secretário da Comissão Administrativa, Albano do Couto.

Guerra aos parasitas

“ÁTILA”

O melhor produto para a limpeza da cabeça e higiene do corpo.

Resultado rápido e eficaz na extinção dos parasitas.

Frasco — 2\$50

A venda nas boas casas.

Depositários em Lisboa:

Drogaria J. Pimenta, Rua do Alecrim, 84.

Drogaria Viúva Simões & Teixeira, Rua dos Fanqueiros, 235.

Drogaria Ribeiro & Branco, Rua Silva e Albuquerque, 75.



Francês sem mestre

por GONÇALVES PEREIRA

1 volume de 400 páginas 15\$00

Pelo correio 16\$00.

Padados à administração de A Batalha.

“Educação Social”

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redacção e administração—Empresa Literária Fluminense, Limit. R. dos Rezendeiros, 125—LISBOA.

A venda na administração de A Batalha.

chum das Espanhas, e merecia a sua fama. D. Hércules caiu ferido de morte. Alonso queria vingar sua irmã e seu cunhado; porém esse mancebo foi desarmado numa volta de mão por D. Inácio, que, com a espada levantada lhe disse: «Pertence-me a tua vida, ultrajaste-me partilhando as injuriosas suspeitas de D. Hércules, que me acusava de haver traído a amizade seduzindo a sua mulher. Vai-te em paz, mancebo, arrepende-te dos teus maus pensamentos... que eu te perdoou!»

Depois disto, o capitão Loyola foi acabar a noite para casa da sua gitanilha, e eu ouvia-os rir, cantar e despejar os frascos de vinho de Espanha; depois entrámos em casa quando nasceu o dia. E por essa noite, cunhado Cristiano, julgai do número de belas que o capitão Loyola loyolou!...

— Ah! a infernal hipocrisia daquele homem torna mais horríveis ainda os seus debóches e os seus assassinatos de espadachim!

O sr. João, absorto por um pensamento secreto, disse ao sapador, depois de um momento de silêncio:

— E seguieste Loyola à guerra? A companhia do capitão era bem disciplinada? Como tratava ele a sua gente? — perguntou o sr. João.

— Os seus soldados? venture do diabo! Imaginai, não homens, porém, estátuas de ferro, que um gesto, um abrigo de olhos de D. Inácio movia ou petrechava a sua vontade, afeteios ao seu comandante como se fossem máquinas, ele dizia: «De... e elas iam, não sómente no caso de guerra, porém, para todas as coisas... já não eram elas, era ele, com todos os diabos! O capitão Loyola, domava homens e mulheres como os cavalos... os mesmos meios e os mesmos sucessos.

— Mas que meios? Expliquei-vos Josefino...

— Ora, um dia trouxeram-lhe um potro selvagem de Cordoba, danado como o demônio, dois escudeiros custavam a seguir-lhe a-pesar-do bridião e do cabeçote; D. Inácio fez conduzir para um pátio fechado por todos os lados o tal bicho feroz, e ficou só com ele. Eu

estava da parte de fora, atrás da porta do pátio: primeiramente ouvi o potro rinchar com furor, depois com dôr e depois não ouvi mais nada. No fim de duas horas, o capitão saiu do pátio montado no cavalo, branco de espuma, a tremer de medo, e tão dócil como a mula de um cura...

— Eis o que é estranho! replicou Cristiano. Esse homem tinha porventura algum encanto mágico para dominar os cavalos?

— Sim, cunhado! O seu segredo compunha-se de um freio, ao mesmo tempo tão terrível e feito com tanta habilidade, que se os cavalos obedeciam mansamente à sua mão, não sentiam nenhuma dor. Porém, ao menor salto, o capitão fazia jogar certa mola de aço adaptada ao freio e armada de pontas, e logo o animal rinchava de dor, e parava; em seguida D. Inácio, afagando-o com a mão dava-lhe outra vez ânimo!

Pelo ventre de São Quené! Freio de ferro, espadachins e meiguices, eis como o capitão Loyola loyolava homens, mulheres e cavalos!

